

Paineiras enfeitam eterna primavera

No auge da floração, árvores dão sombra e espetáculo de rara beleza neste outono quente e atípico provocado pelo El Niño

Rovênia Amorim
Da equipe do Correio

O calor, nas horas mais quentes do dia, beira os 30 graus. Gente que é obrigada a trabalhar de sol a sol diz que está mais calor aqui do que no Ceará ou na Paraíba. O pedreiro Francisco Ramalho, de 55 anos, que o diga. "Quase não dá para agüentar, né?", comenta o paraibano que constrói uma casa no Cruzeiro.

Mas não é verão. O Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) explica que o calorão é causado pelo El Niño, o fenômeno que provoca o superaquecimento das águas do Pacífico e altera o clima de todo o mundo. Estamos em pleno outono, a estação em que teoricamente as folhas das árvores deveriam estar caindo.

Só que na correria do dia-a-dia poucos se dão conta de que a cidade está mais bela, com ares de primavera. Mas se alguém, com menos pressa, pára um pouquinho, não contém a admiração diante das milhares de flores rosas que cobrem todo o verde de algumas árvores. São as paineiras (*Chorisia speciosa*) — também popularmente conhecidas como barrigudas — que estão no auge do espetáculo da floração.

De intrometido, um exemplar da espécie brotou há 30 anos e insistiu em crescer bem ali, no meio do calçamento de concreto, quase em frente ao Palácio da Justiça. Depois de desafiar as regras de urbanismo da cidade planejada e de crescer e exibir toda a majestade, não teve mais jeito. Nenhum fiscal do governo teve a coragem de arrancá-la.

A solução então foi declará-la imune de corte. O Decreto 11.833, de 19 de setembro de 1989, oficializou a reverência. A paineira foi tombada como patrimônio da cidade. Os servidores da Justiça tiveram de se render à magnitude da natureza. São obrigados diariamente a desviar o percurso da calçada e rodear o tronco, pisando no gramado, para só então retomar a reta do caminho.

Mas tem gente que faz isso sem

perceber. "É mesmo! Ela é cem por cento bonita. No corre-corre a gente não repara", admira o comerciante Lucas Borges, de 55 anos. Mas para quem tem a vida com os dias contados, o encanto da árvore não escapa. "Acredito na beleza da vida", diz a dona-de-casa Maria da Conceição Leodósio, portadora há dois anos do vírus HIV, causador da Aids.

A cearense faz questão de passar diariamente sob a copa da paineira, antes de percorrer rádios e outras empresas em busca de ajuda para comprar os remédios que controlam a doença.

REFÚGIO

No Cruzeiro, as paineiras também desafiam o calor e exibem a beleza das suas flores. A sombra da paineira foi inclusive o refúgio que o

borracheiro Claudionor Lourenço da Silva, 30 anos, encontrou para trabalhar. Improvisou ali o barraco de latão onde ganha a vida consertando pneus.

Porém, não só encantos e admiração despertam as flores das barrigudas. A economiária Maria Aguiar, de 33 anos, não se importaria se fossem cortadas as duas árvores plantadas na calçada em

frente à sua casa, na Quadra 12 do Cruzeiro. "Depois da flor vem a paina, o algodão que fica dentro de uma casca grossa. É uma sujeira danada", reclama.

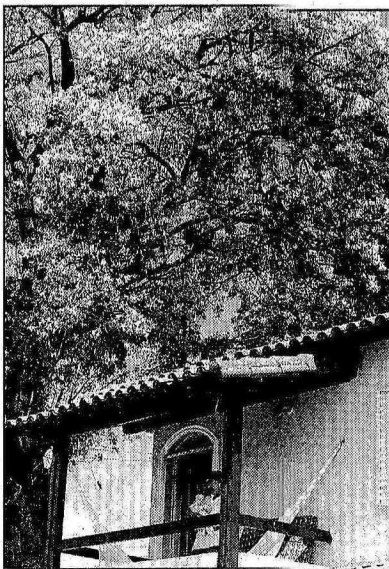
Mas não só as paineiras dão o ar da graça no outono. O colorido de flores amarelas, vermelhas, lilases e rosas é garantido também pelas cásias, espatódeas, quaresmeiras e cambuís adaptadas ao clima semi-árido e à acidez do solo do Planalto Central. A maioria das espécies foi plantada na década de 70 e pode viver de 200 a 300 anos.

"No DF existem 140 espécies de árvores. Isso é muito mais do que existe em toda a Europa, onde não há mais do que 30 tipos de árvores", explica o diretor de Urbanização da Novacap, José Humberto Matias de Paula. "É essa diversidade de espécies, cada uma com período diferente de floração, que faz Brasília ter primavera o ano todo", afirma.

Fotos: Jefferson Rudy



Barriguda que brotou há 30 anos em frente ao Tribunal de Justiça foi tombada em 1989 como patrimônio da cidade



No Cruzeiro, paineira exibe beleza das flores e serve de refúgio ao calor